

do, e a cristaleira, que, quando existe, guarda e exhibe as poucas peças de louça enfeitadas, como as xicrinhas de café, também oferecidas cortesmente à pesquisadora. Como os eletrodomésticos, os móveis também pertencem à dona-de-casa.

### Pobreza e comida

A comida é o principal veículo através do qual os pobres urbanos pensam a sua condição. A primeira associação que fazem ao falarem do que comem é com a pobreza. É ela que explica a dieta que conseguem manter. É ela que explica a preocupação constante com a possível falta, e a ginástica efetuada no orçamento doméstico para que se chegue até o fim do mês "com comida dentro de casa". É ela que explica o constante cuidado com o "controle", e a "economia". É ela que explica o ciclo da relativa "fartura" no início do mês, quando até se compra carne, e o "passar mal" do final do mês, sem carne, sem o dinheiro da feira e às vezes até sem feijão. A partir de 1982 a situação piorou sensivelmente.<sup>10</sup>

Na fala dos entrevistados, a categoria pobreza muda de posição para marcar limites entre os que se incluem e se excluem no grupo dos pobres de tal modo que parecem contradizer-se. Na verdade, a mesma categoria é pensada para opô-las aos muito pobres, aos que passam fome, complicando sua visão da sociedade. Se o pobre é aquele que trabalha para comer, mas tem saúde ou tem força para trabalhar, então pobre mesmo é o que "não tem saúde", "não tem comida dentro de casa", tem que "pedir esmola", não trabalha.<sup>11</sup> Neste raciocínio eles apontam a situação extrema que sempre os ameaça: o sofrimento, o desemprego; a ausência de dinheiro e de alimento. Do mesmo modo, na sua fala opõem a situação por eles vivida enquanto pobres, e que se caracteriza pela comida que não varia e pela impossibilidade de comer carne todos os dias, à situação dos outros, que variam a comida e comem carne. Comer carne todos os dias marca uma fronteira nítida que separa os pobres dos não pobres, e a carne passa a representar, na sua falta, a própria carência em que vivem. Ela é um símbolo poderoso de prestígio social e riqueza, sendo acionada como parte da dieta quando o entrevistado queria impressionar o pesquisador com a sua prospe-

ridade. Além de ser considerado como um alimento forte e bom para a saúde, a carne simboliza a queda do padrão de vida dos que vieram do campo, onde havia fartura, ou, mais geralmente, a escassez do atual padrão, o limite da renda, a eterna insatisfação alimentar.<sup>12</sup>

É dentro desses parâmetros estabelecidos pelas suas condições de vida e pensados por eles dessa forma, e que inclui sempre a virtualidade de passar fome, que devemos entender suas escolhas alimentares. Dizer que essas escolhas foram guiadas por um instinto que os leva a optar pelos alimentos mais nutritivos e mais acessíveis seria simplificar a questão, já que as práticas alimentares são inculcadas nas crianças, muitas vezes com resistência. São escolhas culturais, portanto, que não se explicam pela referência a uma racionalidade nutricional “natural”<sup>13</sup> ou pela visão economicista que as relacionam direta e exclusivamente à baixa renda. A relação entre a pobreza e a alimentação escolhida não é apenas decorrente daquilo que o dinheiro pode ou não comprar, mas passa por inúmeras mediações de ordem ideológica e até mesmo psicológica.

Na ideologia dos pobres urbanos do Rio de Janeiro, como de outras áreas do Brasil, a categoria “comida” é fundamental na articulação do seu pensamento sobre alimentação. Existem alimentos que são “comida” e outros que não são. “Comida” é basicamente feijão, arroz e carne. As verduras, os legumes, as frutas, no seu discurso, aparecem sempre como alimento que serve para “tapear” e freqüentemente vem na forma diminutiva “saladinhas”, “verdurinhas”, “coisinhas”, que “não dá” que “não satisfaz”. Do mesmo modo, o arroz sem o acompanhamento do feijão vira “arrozinho” e comê-lo assim é considerado passar fome. A pessoa que não ingere “comida”, porque não pode comprar o que é comida, não come, “faz lanche”, “tapeia”, e os resultados desse tipo de alimentação são vistos como catastróficos: “a pessoa emagrece”, “fica só no osso”, “morre”. O que não é comida pode incluir peixe, canja de galinha, frutas, verduras. E não são comida porque não “sustentam”, não “enchem a barriga”, não “satisfazem”, não são “fortes”, enfim. Podem e são usados freqüentemente como complemento da “comida”, já que “ajudam”, “compõem o prato”, “têm vitamina”. Em outras palavras: quem não come feijão com arroz

está passando fome, sendo que desta mistura o arroz é o único elemento que pode ser substituído, ou por macarrão ou por farinha ou por fubá. E a substituição da carne pelo ovo, peixe, mortadela ou lingüiça, prática também usual entre eles, dá-lhes apenas uma medida de sua eterna “falta”, de sua condição de pobres que não têm dinheiro para comprar o alimento que mais valorizam: a carne, a comida mais “forte”, a que “tem mais vitamina”.

Mas não se trata apenas de uma avaliação dos nutrientes que cada alimento contém, pois eles sabem que frutas e verduras têm vitaminas e que o peixe tem fosfato e “é bom para cabeça”. A ruptura com esse padrão, a recusa de aceitar a sua lógica só se dá entre os que se identificam menos com a categoria de pobres, seja porque em termos de renda estão na fronteira entre os dois grupos, e portanto não vivem o risco cotidiano de passar fome, seja porque, por aspirações próprias, investem na ascensão social e imitam o modo de vida dos “ricos”. Estes comem “comida variada” diariamente, importando-se menos com a sensação de repleção que a comida do pobre proporciona. É claro que o peixe, como a galinha, é muito valorizado nas refeições especiais de domingos e festas. A lagoa de Jacarepaguá, por estar próxima, é bem freqüentada pelos homens de Cidade de Deus, que lá vão para garantir a peixada de domingo.

É, portanto, ao analisarmos com mais cuidado a oposição que fazem, na sua fala, entre pobres e ricos, que descobrimos, por fim, o operador dessa lógica que preside seus hábitos alimentares. Do mesmo modo que opõem comida às “coisinhas que não enchem barriga”, um dos momentos em que valorizam positivamente o ser pobre é quando, comparando o que comem os ricos, afirma que “o pobre come mais”, “está sem dinheiro no bolso mas de barriga cheia” ou “o rico não come, vegeta”, ou “pobre enche barriga, rico belisca”. Afirmações desse tipo sempre surgiram na sua fala, especialmente nas entrevistas em que mais de um deles estava presente, o que favorecia a identidade social dos pobres. Se analisadas dentro do quadro estrito da lógica formal, parecem contradizer as afirmações, também constantes, de que “pobre passa mal”, “tem que trabalhar muito para não passar fome” ou que “tem sempre alguma coisa faltando”, estas afirmações não são incoerentes se vistas dentro do quadro se-

mântico de suas idéias acerca de comida. É que comida propriamente dita, “comida que enche barriga” é a comida de pobre que o rico, por definição, não come. E essa é a comida que o pobre tem que comer para “se sustentar” para “ter força para trabalhar”. Ou seja, é o feijão que “sustenta” e, “se não tem comida”, “se não tiver feijão”, é a fome. ✕

→ Que essas escolhas alimentares são culturais comprova-se pelo fato de que as crianças têm que ser socializadas nelas, isto é, têm que aprender a gostar delas, o que não se faz sem resistência. Inúmeras mães reclamam que seus filhos “não gostam de comida” ou “não ligam para comida”, o que as deixa preocupadas pela saúde deles. A afirmação de que “pobre come de tudo”, “pobre come o que tiver” é sempre contradita quando as mães se referem às preferências alimentares dos filhos, que “só gostam de bobagens”. Frutas, canja de galinha e biscoito foram incluídos, junto com balas e doces, na lista do que as crianças gostam de comer. Embora tenham conhecimento do valor nutritivo das frutas, que têm vitamina, estas não fazem parte de suas prioridades e só são compradas quando há “dinheiro sobrando”, isto é, depois que compraram os mantimentos.

Não é de surpreender, portanto, que os sinais de desnutrição estejam mais visíveis nas crianças. Ao lado de adultos gordos, viviam crianças muito magras, pequenas e baixas para a idade e com o corpo coberto de feridas infecciosas. O princípio seguido na distribuição dos alimentos, feita pela mãe, segundo o qual recebe mais comida quem come mais, favorece os que já “aprenderam” a gostar dos alimentos por eles valorizados, deixando de lado as dificuldades infantis de aceitar um alimento de que não gostam. É que a prática da “barriga cheia” ainda não se implantou totalmente entre esses seres em socialização.

Esta prática alimentar da “barriga cheia”, que tem a ver com as escolhas alimentares feitas, já que feijão e carne são alimentos que levam bastante tempo para serem digeridos, bem como a importância dada à quantidade de comida, não é, porém, fruto apenas de uma opção arbitrária dentro de um elenco de possíveis escolhas culturais. Em primeiro lugar porque advém de uma limitação de ordem econômica — é por não poderem comer carne como gostariam que os pobres se limitam ao feijão, alimento este que ainda lhes oferece a sen-

sação do estômago cheio, especialmente quando cozinhado com banha, toucinho ou lingüiça. Por isso mesmo, a falta do feijão é associada à fome, à miséria, à morte. É que nessa substituição, os pobres conseguem as calorias e proteínas de que necessitam para sobreviver minimamente, empobrecendo sua dieta em outros nutrientes também essenciais à saúde do homem<sup>14</sup> mas que não podem obter. Desse modo, o feijão torna-se a principal fonte de proteínas para os pobres, substituindo as mais ricas proteínas animais.

Em segundo lugar, porque sua luta cotidiana contra a fome cria mecanismos de defesa ou de compensação que os leva a preferir alimentos de difícil digestão, entre eles incluídos, e muito desejados, os gordurosos. A importância da quantidade de comida no prato, a valorização da “barriga cheia” como sensação prazerosa de repleção e negação da morte, aparece junto à valorização estética da corpulência e gordura, especialmente entre as mulheres.

Observei inúmeros casos de obesidade entre eles, especialmente nas mulheres de famílias matrifocais. Símbolo talvez de seu poder na família, a gordura não é vista negativamente. Ao contrário, parece imperar entre eles um padrão estético próprio — oposto ao padrão das classes privilegiadas, que valorizam a esbeltez feminina — de apreciar a corpulência da mulher.<sup>15</sup> É claro que apenas nas faixas de renda mais acima das faixas de miséria absoluta, este padrão estético pode se desenvolver, o que não nega a sua existência. E é claro que a corpulência dificilmente é alcançada pelos que exaurem suas energias no trabalho para sustentar a família, e talvez, por isso, a ocorrência seja mais comum entre as mulheres. A pesquisadora, mulher de peso “normal”, era recebida com expressões de preocupação pela sua magreza entre-meadas com incentivos do tipo “agora você está ficando mais forte”, durante todo o primeiro ano da pesquisa.

Em terceiro lugar, essas escolhas alimentares têm a ver com as formas de organização da vida familiar e do trabalho que são próprias às sociedades industriais modernas. No caso do feijão com arroz, a facilidade de estocá-los por longo período — “botar a comida para dentro de casa” — seguindo o ritmo de recebimento dos salários é, sem dúvida, uma razão importante na sua escolha como alimento básico, afora o fato de, pelo menos teoricamente, serem produtos agrícolas

disponíveis o ano todo, não rareando segundo a estação. Aceita-se, portanto, a “barriga cheia” com este alimento, que está longe de ser completo do ponto de vista nutricional, apesar de seu alto teor protéico, porque não é incerto e porque se pode estocá-lo em casa como garantia contra a fome. Daí a importância das “compras” do mês e a sua atribuição ao chefe de família. O próprio regime salarial parece favorecer, assim, o aparecimento de dietas estereotipadas e monótonas, dietas essas que passam a simbolizar a identidade social dos pobres, que “comem sempre a mesma comida”, por oposição aos ricos, que “comem comida variada”.

A comida “variada” passa a marcar, assim, o tempo de lazer, o tempo do “não trabalho” que é, para eles, o domingo. E esse também é o dia de reunião da família, quando todos comem juntos e o pai deveria estar presente. A comida variada assinala, portanto, a reunião, os rituais familiares, tão importantes na transmissão dos valores e no estreitamento das relações do grupo, mas cuja execução rareia cada vez mais, como rareia o tempo de lazer para os homens.

É nesta perspectiva que podemos entender a substituição do milho e outros cereais — elementos ainda importantes na dieta alimentar dos migrantes que vieram do campo, e que desaparecem da mesa do trabalhador urbano — pelo feijão e arroz. A opção não se deve, provavelmente, à adaptação e exigências nutricionais, mas à adaptação às condições criadas pelo trabalho assalariado e pelo horário, que deixam menos tempo disponível para a produção doméstica dos alimentos a serem consumidos pela família. O feijão pode se tornar, sem muito dispêndio de tempo, um prato mais rico e saboroso pela mera inclusão, na mesma panela, de outros ingredientes valorizados e considerados gostosos.<sup>16</sup>

A pobreza, portanto, não se expressa apenas nas taxas baixas de ingestão de nutrientes, mas também no arranjo de uma dieta estereotipada e monótona, na preferência por certos alimentos, que contêm alguns nutrientes apenas em detrimento de outros mais ricos e inalcançáveis monetariamente, na sensação da barriga cheia como meio eficaz de conseguir saúde e na valorização da obesidade, que lhes parecem meios indispensáveis na sua batalha diária contra a fome.

Tanto é assim que, quando indagados sobre o que consideram comida boa para a saúde, os entrevistados revelam

conhecimento do valor nutricional de frutas e legumes que “têm proteína e vitamina”, da carne, do leite e dos ovos que “são fortes”, têm proteína, do peixe que “tem fosfato” e “proteína também”. Esses conhecimentos gerais sobre nutrição já parecem estar socializados, sendo constantemente realimentados nos contatos com os médicos da unidade de atendimento construída pela Secretaria do Serviço Social do Estado no local.

Se as reuniões familiares vão escasseando, se as famílias mais pobres têm dificuldades crescentes em realizar as refeições familiares nos domingos e feriados, não se pode dizer que falem oportunidades para refeições comunitárias que integram os familiares a círculos mais amplos de parentes vizinhos.<sup>17</sup> Ao contrário, o costume tradicional brasileiro de fazer uma refeição comunal durante a realização das festas continua em plena vigência, maneira de assinalar a continuidade entre a casa e a praça, entre a família e a vizinhança, entre o grupo doméstico e a classe. As comemorações familiares — aniversários, batizados, casamentos, noivados, etc. — são motivo para que se façam grandes panelas de comida oferecida a muitos convidados. A carne é escassa e a sua substituição segue o mesmo rumo já apontado: substitui-se a carne mais cara por tripa, miúdos ou gordura de porco em misturas de feijão (feijoada) e farinha de milho (angu à baiana), sendo esta última cada vez mais comum. Ainda aqui prevalece a monotonia do prato da festa, que ora é um, ora é outro. E, é claro, a recessão fez rarear cada vez mais essa alegria da festa com comida farta.

## O significado político e religioso da pobreza

Diante deste quadro de pobreza, piorado nos três últimos anos pelos efeitos da recessão que aumentou o desemprego e diminuiu ainda mais o salário real dos trabalhadores, muito distantes estamos do quadro sugerido pelas teorias que tentavam explicar a eficácia política dos líderes populistas em décadas anteriores. Segundo esta explicação, o populismo na América Latina se deveria a uma revolução no nível de aspiração dos trabalhadores urbanos, já absorvidos pelo sistema industrial, que passariam a ter como modelo os padrões de